

Grandes múltis são diferencial no cenário pós-crise

Jornal Brasil Econômico – Quinta-feira, 07/Jan/2010 – pg. Capa/4-5

Brasil Econômico

Por Dubes Sônego

A criação de grandes companhias multinacionais brasileiras, nos moldes das que vêm sendo incentivadas pelo governo, deve aumentar a competitividade do Brasil no pós-crise. Num momento em que diversas concorrentes estrangeiras se apresentam fragilizadas, surgem oportunidades de aquisição capazes de garantir ganhos de escala, acesso a crédito barato, a novos mercados e a tecnologias que beneficiam não apenas as próprias empresa, mas o país.

É o caso de negócios em avaliação, como a aquisição pela Petrobrás da participação da italiana Eni na petrolífera portuguesa Galp, que permitiria à estatal brasileira colocar um pé no mercado europeu de refino e de distribuição de combustíveis. Ou da compra de participação pelo ItaúUnibanco nos tradicionais Lloyds Banking Group e Royal Bank of Scotland.

Seguindo a mesma lógica, no apagar das luzes de 2009, a IBS garantiu espaço ao fazer uma aquisição, com a compra de uma processadora de ovinos na Austrália, A CSN está empenhada em comprar a maior cimenteira de Portugal, a Cimpor.

"Empresas grandes são muito importantes na competitividade dos países. Elas permitem disputar mercados internacionais com custos mais baixos (graças aos ganhos de escala)", afirma Cláudio Felisoni, economista coordenador da FIA.

Mas, de acordo com ele e outros acadêmicos e consultores ouvidos pelo Brasil Econômico, não apenas por isso. Os processos de consolidação e internacionalização exigem adaptações que impactam a qualidade da formação de pessoal; arrastam para o mercado externo fornecedores de menor porte; e ampliam o contato de empresas nacionais com novas formas de gestão e processos. Além disso, abrem a possibilidade de financiamento externo, a taxas mais vantajosas que as encontradas normalmente no mercado interno. É o que Haroldo Vale Mota, professor de finanças da Fundação Dom Cabral (FDC), classifica como efeito multiplicador das multinacionais na economia.

"O mercado leva a fortalecer a qualidade de gestão", concorda Oscar Malvessi, coordenador do curso de fusões e aquisições do GV-PEC, programa de educação continuada da FGV. "Quem se sente fraco tem que se unir a outro mais forte, para buscar sinergias. Se não, será comprado por alguém de fora".

Em última análise, avalia Malvessi, o fortalecimento de multinacionais Sociais funciona também como barreira de entrada a empresas estrangeiras no mercado interno. É o que pode acontecer, por exemplo, no setor petroquímico brasileiro, caso se concretize a aquisição da Quattor pela Braskem. Ou o que aconteceu no varejo, com a união de Pão de Açúcar, Casas Bahia e Ponto Frio, que dificultou a entrada de novos concorrentes estrangeiros.

Bela de neve

A consolidação é importante também para que o próprio processo de internacionalização se amplie. Luiz Motta, sócio responsável pela área de fusões e aquisições da KPMG, lembra que, na hora de buscar capital, pesam fatores como tamanho e diversificação de mercados. Operações maiores e mais pulverizadas costumam receber melhor classificação de risco e condições de crédito. O crédito mais barato, por sua vez, garante fôlego

Oscar Malvessi Consultoria em Valor Ltda.

www.oscarmalvessi.com.br ou www.vecvalor.com.br - e-mail: oscar@oscarmalvessi.com.br
VEC® - Valor Econômico Criado é marca registrada da Oscar Malvessi Consultoria em Valor

para novas aquisições. E “as aquisições são uma forma de se sobressair em um cenário de restrição ao crescimento orgânico”, avalia Malvessi, da FGV.

Além de tudo, dividendos de vendas no exterior serão enviados ao Brasil, mais cedo ou mais tarde, pesando positivamente na balança de pagamentos, diz Mota, da Fundação Dom Cabral.

São efeitos benéficos que se contrapõe ao aumento do poder de negociação com empresas menores e à imposição de preços aos consumidores.

